



Crise

Austeridade faz crescer distância entre políticos e cidadãos

Contestação. Aos primeiros protestos, os governantes ainda se dirigiam aos manifestantes. Hoje, com o cerco a apertar-se, preferem espaços de confiança a sair à rua

MIGUEL MARUJO

É a crise que faz aumentar a distância entre a classe política e os cidadãos em Portugal. Esta convicção de António Costa Pinto traduz-se "em muito poucos incidentes na democracia" portuguesa, como recorda ao DN. "Essa maior distância, vide maior segurança, no caso português, é muito mais identificada com a crise", aponta o politólogo. E à medida que a crise se foi agudizando, com o anúncio sucessivo de medidas de austeridade e cortes de salários e aumentos de impostos, a raiva da rua cresceu.

Aos primeiros insultos e apupos, o Governo ofereceu algum corpo ao manifesto. A 19 de fevereiro, Passos Coelho saía ao encontro de manifestantes em Gouveia, por oposição a Cavaco Silva, que três dias antes tinha feito marcha atrás quando se dirigia para a Escola António Arroio, em Lisboa, e soube que os alunos preparavam uma manifestação para o receber (para denunciar as condições da escola). Na feira do Queijo da Serra, Passos ouviu quem se insurgia contra o FMI e a "injustiça social", as portagens nas ex-Scut e os despedimentos na Peugeot-Citroën. O primeiro-ministro explicava-se aos jornalistas: "Gosto de estar ao pé das pessoas para lhes dizer que sei bem quais são as dificuldades dessas pessoas."

As dificuldades do Governo também foram em crescendo até à atual "fuga" ao cerco que é preparado a cada visita de um governante. Por isso, Costa Pinto acha "muito difícil" que Passos Coelho e os seus ministros respondam positivamente ao desafio de Marcelo Rebelo de Sousa de saírem à rua e enfrentarem a contestação popular. "É interessante dizê-lo, mas é muito difícil fazê-lo", aponta. Para notar que, por causa da crispa-

ção, os políticos acabam por se encerrar em "espaços de confiança" que são os da "mobilização partidária", mais controlados. "A classe política não arrisca", diz.

Também Marina Costa Lobo, politóloga, fala de uma "atitude" que "reflete um mal-estar crescente entre políticos e sociedade, que poderá ser resolvido através de uma remodelação governamental ou outras medidas que transmitam ao eleitorado que o Governo está atento à situação que se vive no País". Mas, "paradoxalmente", sublinha ao DN, "o clima de crispação social também prejudica as probabilidades de uma remodelação bem-sucedida".

Com ou sem remodelação, a hostilidade aos membros do Executivo deixou de ser uma marca registada da oposição mais à esquerda (forças partidárias e sindicais): Santos Pereira foi recebido em junho na Covilhã, com apupos de sindicalistas, que chegaram a travar o carro oficial. Passos enfrentou as vaías de professores em Cantanhede, em agosto, que nem a fanfara dos bombeiros abafou. Mota Soares foi vaiado na única autarquia CDS do País, Ponte de Lima, por duas vezes no mesmo dia. E Miguel Macedo, depois de atualizar a fábula da cigarra e da formiga à crise portuguesa, escapou pela porta dos fundos aos protestos de "utentes das autoestradas" na inauguração de um quartel de bombeiros em setembro, deixando a placa por descerrar.

"Mesmo em segmentos que não têm um ativismo político e sindical" cresceu um sentimento contra os políticos, não apenas contra os governantes, anota Costa Pinto. Manifestando um "receio real", como diz o politólogo, o Governo por estes dias parece fazer jus ao mote atribuído a Ricardo Araújo Pereira. "Sempre do lado do povo, nunca no meio do povo."



Cavaco Silva

16 de fevereiro
 Escola António Arroio, Lisboa
 Motivos de segurança, invocou Belém, para o Presidente fazer inversão de marcha na visita à escola



Passos Coelho

22 de março
 Universidade do Porto
 Em dia de greve geral, convocada pela CGTP, primeiro-ministro é recebido por centenas de manifestantes no Porto



Santos Pereira

29 de junho
 Covilhã
 Ministro da Economia foi insultado e vaiado na Covilhã. Teve dificuldade em se libertar dos manifestantes e o seu carro foi bloqueado



Pedro Mota Soares

8 de setembro
 Ponte de Lima
 O ministro da Segurança Social foi vaiado, por duas vezes, em Ponte de Lima, a única câmara CDS no País



Miguel Macedo

23 de setembro
 Bombeiros de Campia, Vouzela
 Ministro inaugurou a sede da corporação, mas saiu antes da placa por descerrar, para evitar protestos

Segurança dos ministros desvia patrulhas

AMEAÇA Recendo agressões ou ser atacados com ovos ou legumes, os ministros seguem à risca as instruções de segurança da PSP, quando participam em eventos públicos

Cada vez que um membro do Governo, principalmente se for um ministro, informa um comando distrital da PSP sobre uma sua

deslocação prevista para essa cidade, são mobilizados para a sua segurança meios que, normalmente, estariam afetos à segurança da população e patrulhamentos de prevenção da criminalidade.

Além do aumento do grau de ameaça que o Serviço de Informações e Segurança (SIS) atribuiu a grande parte destes responsáveis políticos – que passaram do habitual nível 4, moderado, para o 3, significativo –, está

determinada para a generalidade dos políticos a letra "Z", zulu, de ameaça. Esta é utilizada quando há ameaça de atos hostis contra uma alta entidade sem pôr em causa a sua vida. São exemplos destas ações os empurrões ou o lançamento de objetos, como legumes, detritos e tinta.

"Perante este cenário", explicou ao DN uma fonte policial envolvida na segurança governamental, "quando há visitas e são

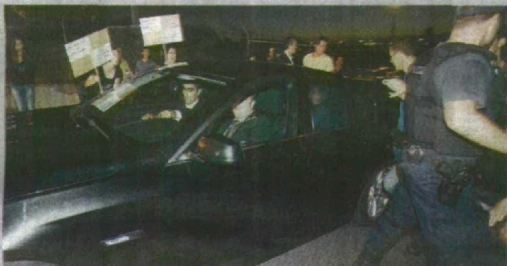
previsíveis ações de protesto, os comandantes distritais mobilizam todos os meios disponíveis para garantir a proteção da entidade e o sucesso do perímetro de segurança". No entanto, sublinha esta fonte, "em cidades mais pequenas, como já tem acontecido, isso implica desviar para essa missão praticamente todo o efetivo disponível nesse turno, o que deixa a descoberto todo o restante trabalho de policiamento".



Passos Coelho
 > 19 de fevereiro
 > Feira do Queijo da Serra, Gouveia
 > Primeiro-ministro ensaiou resposta à amálgama de protestos, mas os manifestantes não lhe deram muitos ouvidos



Passos Coelho
 > 4 de julho
 > Universidade do Minho, Braga
 > Passos evitou protestos na Bosch. Depois não fugiu aos insultos e até se dirigiu a manifestantes contra fim de freguesias



Nuno Crato
 > 10 de setembro
 > Estúdios da TVI, Queluz
 > O ministro da Educação tinha à sua espera uma manifestação contra a não colocação de milhares de professores



Vítor Gaspar
 > 11 de setembro
 > Estúdios da SIC, Carnaxide
 > Esperado na SIC, aos gritos de "gatuno", ministro das Finanças ouviu protestos contra as medidas de austeridade



Passos Coelho
 > 26 de setembro
 > ISCSP, Lisboa
 > Um aluno insultou o primeiro-ministro. Foi identificado e punido pelo Instituto. Dias depois, crianças e adolescentes apuraram Passos no Estoril

Turbulenta história do povo de 'brandos costumes'

VIOLÊNCIAS "Matam o Mestre! Matam o Mestre nos Paços da Rainha! Acudi ao Mestre, que o matam! (...). As gentes que isto ouviam saíam à rua a ver que cousa era. E, começando a falar uns com os outros, alvoroçava-se-lhes o coração, e começavam a tomar armas cada um como melhor e mais depressa podia." A *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, contraria a tese salazarista do "povo de brandos costumes".
 Da minhota revolução oitocentista da Maria da Fonte ao cerco dos operários à Assembleia Constituinte no Verão Quente de 1975, da guerra civil entre liberais e migueleiros aos massacres na guerra colonial, dos trauliteiros das incursões monárquicas aos julgamentos populares da revolução, dos fazedores de bombas contra a monarquia à repressão durante o fascismo, a História de Portugal está recheada de episódios violentos. Só no século XX, foram assassinados o rei D. Carlos (1908), o presidente Sidónio Pais (1918) e o primeiro-ministro António

Granjeiro (1921), enquanto Salazar saiu ileso de um atentado à bomba (1937), Pinheiro de Azevedo foi cercado em S. Bento (1975) e ainda há quem desconfie de que Sá Carneiro foi vítima de um atentado (1980).
 A relação entre o povo e os políticos, após o 25 de Abril, também nem sempre foi tão serena como se pretende fazer crer, do cerco ao congresso do CDS no Porto, em 1975, até ao ataque às sedes do PCP, no mesmo ano, dos tiros contra a caravana de Ramalho Eanes em Évora, em 1976 (*ver foto*), à tentativa de agressão a Mário Soares na Marinha Grande, em 1985 (*ver foto*), das bombas do ELP e do MDLP contra o gonçalvismo aos atentados das FP-25 contra os governos de direita, dos mortos no 1.º de Maio de 1982 ao bloqueio da ponte em 1994.
 Por vezes, contrariando a afirmação que parece ter-se transformado em quase adágio popular, mais parecemos "um povo de brutos costumes".
FERNANDO MADAIL



Tiros contra a caravana de Ramalho Eanes

17 DE JUNHO DE 1976 Na ressaca da revolução, nas primeiras presidenciais, a caravana de Ramalho Eanes seria confrontada com disparos em Évora. O candidato, que tinha surgido perante a opinião pública como o herói do 25 de Novembro, subiu para o tejadilho do automóvel



Paus e socos contra comitiva de Mários Soares

15 DE JANEIRO DE 1986 A pagar a fatura da austeridade do Governo do Bloco Central (PS e PSD), em que se multiplicaram manifestações contra a fome, na Marinha Grande há tentativas de agressão ao candidato presidencial. Foi o momento de viragem da campanha de Mário Soares

Nas últimas semanas as situações de ameaça sobre membros do Governo e políticos têm-se sucedido. Não deixa de ser simbólico o facto de, segundo apurou o DN, pela primeira vez o comandante da Unidade Especial de Polícia, da PSP, ter participado na reunião de preparação de segurança para a cerimónia do dia 5 de Outubro, onde acabou por haver um incidente com uma mulher desempregada.
 Várias fontes policiais admitem que há uma grande preocupação e receio por parte dos ministros, sempre que têm cerimónias públicas. "Seguem à risca às nossas instru-

ções e consultam-nos como nunca antes o faziam", confidenciou ao DN um oficial da PSP. Esta revelação é, no entanto contrariada por uma outra fonte, governamental. "Ninguém anda assustado, nem preocupado e muito menos algum ministro pede mais ou menos segurança. O grau de ameaça é atribuído pelo SIS e as forças policiais locais destacam o efetivo que consideraram adequado".
 As agendas dos ministros estão a ser enviadas com antecipação para as polícias para que façam um reconhecimento prévio de todos os percursos.
VALENTINA MARCELINO